



## **REFLEXOS DAS VOZES DIGITAIS NO JORNALISMO: análise do lugar do leitor na narrativa jornalística na modernidade**

Antonio Sebastião da SILVA<sup>1</sup>

Jessé Santos CARDOSO<sup>2</sup>

(Universidade Federal de Mato Grosso / UFMT)

### **INTRODUÇÃO**

O desenvolvimento de tecnologia pode estar na base da evolução humana em vários aspectos, desde a ampliação da possibilidade de conhecimento às novas práticas que permitem o alongamento e qualidade de vida em sociedade. O Jornalismo como mediador social para ordenamento dos espaços públicos possivelmente sente os reflexos das inovações no processo de interação comunicativa, que se expande deslocando agentes e vozes de seus lugares tradicionais.

Neste sentido, a pesquisa objetiva fazer a análise sobre o reflexo da modernidade no jornalismo, como consequência no ensino superior em razão da transformação em curso das narrativas, no que concerne à empresa noticiosa, jornalista e leitor. As possibilidades de produção de notícias se alteram, bem como a visão cultural da profissão

---

<sup>1</sup> Doutor pela UnB, mestrado realizado na PUC/SP, professor do curso de Jornalismo da UFMT, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças – e-mail [antoniosilva@gmail.com](mailto:antoniosilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pela UFMT, Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças - e-mail [jesse.santos.144@outlook.com](mailto:jesse.santos.144@outlook.com)



sobre valores-notícia e lugar de observação do referente, com consequência no campo teórico e práticas.

### **As consequências da modernidade para o Jornalismo**

As novas tecnologias digitais trouxeram desafios para a humanidade com a expansão de mensagens. Os acontecimentos se multiplicam com a possibilidade de mais informações sobre a realidade cotidiana para diversidade de lugares. O Jornalismo ganha cada vez mais importância na sua capacidade de mediações das trocas comunicativas, intersubjetividades, mas sente o reflexo das disputas de narrativas pela existência de outros recursos midiáticos.

Neste sentido, com o aumento de signos devemos aprofundar a análise do clássico modelo Emissor / Mensagem / Receptor. Por certo que os emissores se multiplicam, as mensagens ganham novos códigos e se tornam mais dispersas, para receptores que não se resumem como ponto final nesta linearidade do processo comunicativo.

Logo, no processo narrativo jornalístico a relação entre veículo (empresa), jornalista, fontes e leitor pode sofrer novos contornos. Na perspectiva da Indústria de mídia definimos que a empresa se apresenta como suporte básico para a informação e o Jornalista como profissional a dar tessitura à informação. No entanto, resta a discussão em torno do leitor. Por muito tempo visto como passivo ou ativo nesta dinâmica do processo comunicativo, novas concepções podem concebê-lo como complexo para processos atuais de comunicação. Com capacidade de se tornar também um emissor, com o advento das novas tecnologias de informação digital, e suportes imediatos de signos e códigos, sua aproximação com a dinâmica comunicativa faz exigir análise de seu lugar e papel na circulação de mensagem sobre acontecimentos.



Assim, como proposição destacamos como problemática a questão: quais os reflexos das transformações da modernidade no ensino do jornalismo brasileiro com o advento das novas tecnologias da comunicação, mediante a ampliação de vozes ativas no processo narrativo?

Neste sentido emergem hipóteses: a) Com ampliação de meios de comunicação na composição das mensagens, o campo do Jornalismo se amplia, com transformação do processo de interação comunicativa tradicional linear entre emissor e receptor, com consequência para a relação interdisciplinar nos curso de Jornalismo; b) O leitor passa a ter condições de participar da produção de notícias, não somente como coprodutor, mas se insere no agendamento midiático, com vozes e comunicação (verbal e não-verbal), ocasionando efeitos no valor-notícia e produção; c) as novas tecnologias da comunicação levam a alteração do centro de produção de informação, com abertura para novos processos coletivos de mediações, com participação efetiva do leitor na cultura jornalística, a ganhar novos códigos com a perda de sua centralidade onisciente na definição do acontecimento.

A análise a priori tem como objetivo geral estudar o processo comunicativo e seus efeitos no campo do Jornalismo, na análise da mediação comunicativa com as transformações impostas pela modernidade na definição da cultura profissional, e, como consequência, no ensino da graduação. Nesta abordagem observar a participação da sociedade na composição da agenda midiática (MCCOMBS, 2009), na qual o leitor se torna também comunicador (narrador) com seus recursos, na definição da agenda social e com inserção no Jornalismo.

A visão dos Frankfurtianos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) merece revisitação na perspectiva de avaliar a cultura como espaço de trocas de informações.



Cabendo posicionar sobre os Estudos Culturais na sinergia com a avaliação de um público participante, que se insere na comunicação na condição de mediadores da cultura. A rigor, a modernidade traz reflexo com respeito à dinâmica na política, economia e poder, diante das interações sociais, possíveis com as redes sociais, blogs, Twitter, WhatsApp.

Como enfatizava Giddens há três décadas, “Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes” (1991, p. 14, grifo do autor). A pergunta emblemática de Roger Silverstone (2002), “Por que estudar a mídia?” deve nos levar a questionar como estudar a comunicação jornalística em meio a tantas possibilidades de interações. Descreve Thompson (1998) que vivemos em uma “historicidade mediada”. No entanto, cabe analisar qual seria a ordem – ou nova ordem – deste processo de mediações. Na perspectiva do olhar de Canclini sobre a organização da cultura na modernidade, entre dominante e dominado, há “um espaço propício para o trabalho transdisciplinar. Trata-se de um problema *comunicacional*, que exige conceitos e instrumentos metodológicos mais sutis que os habitualmente usados nas pesquisas de público e de mercado” (2015, p. 263, grifo do autor).

Quanto ao Jornalismo, como avalia Adghirni, a profissão chegou numa encruzilhada com as mudanças e reinvenções constantes (2017, p. 65). “Nesse momento de transição e migração, torna-se necessário uma investigação no campo acadêmico sobre os tangenciamentos que atingem o Jornalismo” (p. 77). Cabe questionar a onisciência da cultural jornalística como centro definidor do que é notícia (WOLF, 2012), na ordenação de valores-notícia (TRAQUINA, 2005).

A pesquisa se ordena com metodologia na análise crítica das narrativas (MOTTA, 2013), no recorte de acontecimentos que geram intrigas envolvendo as disputas políticas



nas eleições de Donald Trump nos Estados Unidos (2020). Personagem das matérias publicadas pelo Jornal New York Times, entre os veículos tradicionais que compõem a linha editorial de oposição ao *trumpismo*. O mesmo que ocorre no Brasil (2022), com a narrativa de Jair Bolsonaro, agente da estória da Folha de S. Paulo. Circunstâncias em que há tessitura midiática na formação de conhecimento nos enfrentamentos simbólicos com as mídias digitais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho não entrou na fase de análise do recorte de pesquisa, contudo, como apontam as discussões teóricas em torno da comunicação na modernidade, trata-se de um debate em curso, que leva a avaliação do Jornalismo que inicia um novo ciclo de mudanças, com semioses para a evolução. Compreender a comunicação na formação de conhecimento social traz consequências para o Jornalismo no papel de *medium* dos acontecimentos sociais e construção de pertencimento e função para o sistema social.

Por certo não somente o Jornalismo ganha novos espaços de análise, com consequências para suas práticas, como o ensino deve refletir novos conceitos e abordagens atinentes ao campo da comunicação e informação. A modernidade se faz um espaço para inovações, novos modelos de cultura e sociedade. As narrativas ganham novos emissores e personagens, desfazendo lugares previsíveis para empresa, jornalista e leitor. Cada vez mais os narradores confundem a lógica da relação entre emissor/mensagem/leitor, a tornar o campo um espaço cada vez mais dialógico e de narrativas em desenvolvimento.



## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças Estruturais no Jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In. PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs.). **Jornalismo e Sociedade**. Florianópolis: Insular, 2017.

ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4ª ed., São Paulo: EDUSP, 2015.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTA, L. Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs.). **Jornalismo e Sociedade**. Florianópolis: Insular, 2017.

SILVERSTONE, Roger. **Por que Estudar a Mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, John. **Mídia e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. A tribo – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

Wolf, Mauro. **Teorias do Jornalismo: análise de mídia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.